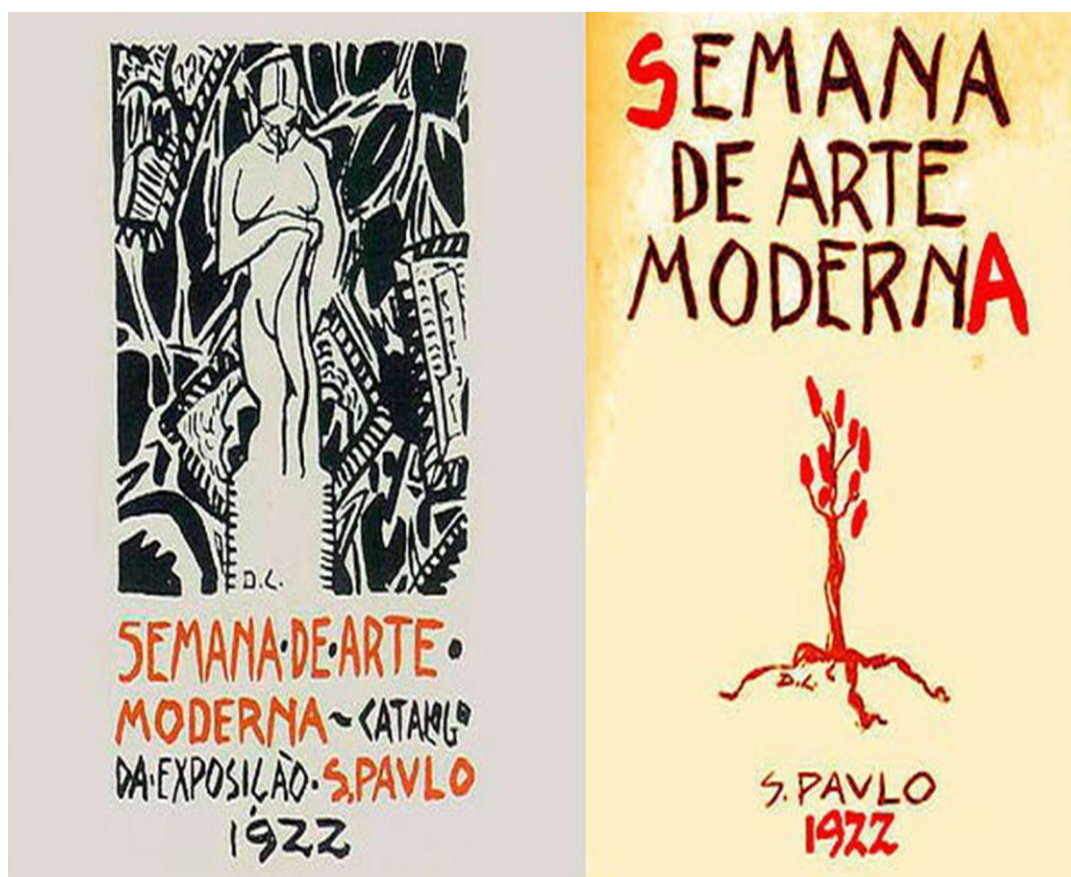


Roteiro Colaborativo de Espetáculo

“A Semana de Arte Moderna”



José Glauber Nocrato Costa

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima
(orientadora)

2026

APRESENTAÇÃO

Este Roteiro Colaborativo de Espetáculo é o produto educacional resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) intitulada “Reflexões no espelho da arte: a criação cooperativa e solidária de um espetáculo como prática pedagógica na disciplina de Artes”. Através de práticas educativas interdisciplinares (Frigotto, 2008), os docentes das disciplinas de Artes, História, Informática e Sociologia trabalharam forma colaborativa (Ibiapina, 2008) para a criação cooperativa e solidária (Leão, 2019) do espetáculo artístico “A Semana de Moderna”.

A pesquisa foi aplicada em uma turma de primeiro ano do curso de Guia de Turismo na EEEP Maria Giselda Coelho Teixeira em Palmácia-CE. Mediada pelos professores, através do trabalho como princípio educativo (Marx, 1983), os estudantes puderam articular teoria e prática de uma forma crítica (Freire, 1988). Por este caminho buscamos promover uma práxis que reuniu arte, ciência, cultura, técnica e trabalho no sentido de colaborar para uma formação humana integral. O referido estudo foi concluído e defendido em agosto de 2026.

Para atender tal demanda na construção deste espetáculo, optamos por uma estética contemporânea que fosse multicultural. Neste sentido, a escolha do repertório de obras artísticas em suas diversas linguagens procurou favorecer um diálogo crítico integrador das nossas diversas referências culturais brasileiras de hoje e do passado encontradas na indústria de massa, na arte erudita e na cultura popular. Essa ação educativa artística multicultural (Barbosa, 2008) à qual nos alinhamos neste trabalho vai no mesmo sentido do Manifesto Antropofágico (1928) de Oswald de Andrade que, no movimento modernista, buscou uma identidade brasileira conectada com o mundo.

No que tange a abordagem teatral, alinhamo-nos ao Teatro do Oprimido de Boal (1991). Deste modo, a prática deste roteiro propõe um teatro crítico para não-atores no qual o estudante supere a opressão que se traduz em uma atitude passiva e desenvolva sua autonomia tornando-se um protagonista. Nesta perspectiva, o estudantes é convidado a ver-se como um sujeito capaz pensar e agir criativamente no sentido de transformar a realidade em que vive. Assim, as atitudes assumidas nos papéis teatrais passam a valer como um ensaio para uma atuação autônoma em situações reais.

Para Boal (1991), os espectadores (estudantes), através de exercícios e dinâmicas teatrais, devem se apropriar da linguagem do Teatro e transformarem-se em atores (espect-atores) na trama teatral e no palco da vida. Ainda dentro da continuidade desta proposta o público se torna também ativo nas cenas participando de forma imersiva e interativa. Assim, propomos que neste roteiro não deve haver fronteiras nítidas entre o espetáculo e o público que passa a fazer parte integrante das cenas se percebendo dentro dela.

Somando-se a isso, este Roteiro Teatral propõe a criação de um espetáculo envolvendo as diversas linguagens da arte: teatro, dança, música e artes visuais. Isto tem o potencial de encorajar o desenvolvimento de uma teia de aprendizagem cooperativa (Leão, 2019) integrando múltiplas inteligências e funções. Assim, de uma forma ética e criativa as habilidades e saberes dos professores e educandos dialogam para identificar espaços flexíveis de participação democrática dentro da criação coletiva.

Por último, e não por isso menos importante, é saber que, tal como Freire (1988), reconhecemos nossa condição de seres inacabados em constante formação. Estendendo esta ideia para o Roteiro de Teatro, propomos um alinhamento com Barbosa (2008) na sua reflexão sobre a arte na contemporaneidade:

Atualmente, a elaboração e a flexibilidade são extremamente valorizados. Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar partindo do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano (Barbosa, 2008, p. 18).

Desta Forma, a proposta deste Roteiro de Teatro é ser uma obra aberta e interativa para ser integrada e desenvolvida por educadores e educandos em seus contextos que procuram uma forma mais sensível, dinâmica e participativa de fazer e aprender através da Arte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AO ROTEIRO.....	5
CENOGRAFIA.....	6
ABERTURA MUSICAL.....	8
CENA 1 - AULA SOBRE O MODERNISMO BRASILEIRO.....	15
CENA 2 - ASSIM NASCE UMA IDEIA.....	18
CENA 3 – A SEMANA DE ARTE MODERNA NO RÁDIO.....	24
CENA 4 – AS TRÊS NOITES MODERNAS.....	27
Primeira Noite (Palestras e Músicas)	28
Segunda Noite (Exposição de Quadros Vivos e Modernos)	30
Terceira Noite (A Revolta do Público)	38
CENA 5 - CELEBRAÇÃO DO GRUPO DOS CINCO.....	40
CENA 6 - FECHAMENTO DA AULA.....	43
FICHA TÉCNICA.....	45
SOBRE O AUTOR.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO AO ROTEIRO

A trama refletida neste roteiro aborda o contexto estético, social e histórico da primeira metade do século XX, especialmente no Brasil. Este país de proporções continentais e cheio de contrastes estava em busca de identidade. E nesse interim, em 1922 o país celebrava 100 anos de sua independência e entre os eventos historicamente relevantes que colaboraram para sentir e pensar o Brasil neste marco temporal está a Semana de Arte Moderna de 1922 (Tufano, 2021).

Refletindo sobre este contexto, escolhemos contar como aconteceu este evento artístico e nele espelhar de forma interdisciplinar a realidade brasileira daquela época. Neste sentido, procuramos observar, refletir e atuar através do diálogo entre as disciplinas Artes, Sociologia e História para formarmos um aprendizado mais complexo sobre aquele contexto da primeira metade do século XX.

A partir deste trabalho interdisciplinar colaborativo procuramos construir nas cenas das três noites de “A Semana de Arte Moderna” uma exposição de ideias, autores e obras que fossem representativas da estética modernista de uma forma ampla. Por esse caminho, optamos em não nos deter no realismo de expressar somente o que aconteceu naquele evento específico. Propomos, de maneira alternativa, aproveitar o efeito dramático e a relevância do evento moderno em 1922 para a partir dele construir uma síntese poética, histórica e sociológica que se traduz neste espetáculo sobre o Modernismo Brasileiro.

Contudo, nosso olhar não se perdeu do presente olhando para o passado. Outrossim, ampliou a possibilidade de diálogos evidenciando contrastes e semelhanças com a contemporaneidade para uma melhor compreensão da humanidade e sua condição cultural através da História. Penso que hoje, assim como os modernos daquela época, estamos, de forma crítica, defendendo uma atualização da vida na qual valores como a liberdade criativa e a solidariedade possam superar a opressão e desigualdade (Freire, 1988).

Nessa direção, propomos a realização colaborativa (Ibiapina, 2008) deste Roteiro Teatral como um trabalho formativo que articula teoria e prática numa práxis com o potencial de favorecer a educação integral na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Enfim, esperamos que o educador interessado na educação pela via da Arte realize este Roteiro Teatral como uma prática educativa pautada no diálogo, na ética e na estética.

CENOGRAFIA

Durante a aplicação da pesquisa, à medida que o roteiro era desenvolvido, íamos esboçando ideias de como seria o cenário. Naquele momento, escolhemos não usar cortinas no sentido de favorecer a participação da plateia. Assim, experimentamos montar um cenário que permanecesse estático para a construção de uma cena mais limpa em relação a quebras ou distrações. Neste sentido, procuramos evitar que os elementos cênicos fossem movidos na transição entre as cenas para dinamizar o processo. Nosso interesse foi criar um ambiente cênico que favorecesse a imersão do público na narrativa da qual fazia parte (Boal, 1991). Então, distribuímos os espaços cênicos ao longo do palco, incluindo suas laterais. Assim, as cenas ocorreram nestes ambientes determinados pelos objetos cênicos e pela iluminação conforme mostrado na Figura 1.

Figura 1: Imagem da Cenografia



Fonte: Imagem gerada por Inteligência Artificial (ChatGPT, 2026).

Olhando no sentido da plateia para o palco, localizamos quatro ambientes: na lateral esquerda, o “Estúdio da Rádio”, com dois bancos altos e a frase “NO AR” escrita na parte superior da parede do fundo; no centro esquerdo, ficou a “Projeção de Imagens”; do lado central direito ficou a “Sala da Casa”, um sofá e duas cadeiras e quadros modernistas na parede do fundo; e por fim, na lateral direita, ficou um pequeno “Bar” com taças e garrafas sobre uma mesinha, e continuação da sala. Todas as cenas se realizariam nestes espaços que ficaram montados dessa forma durante todo o espetáculo.

A iluminação geral foi feita por uma corrente de luzes coloridas tendendo para o amarelo ao longo de todo o comprimento do palco no sentido de criar um ambiente acolhedor. Soma-se a isso, quatro refletores coloridos e duas lanternas de caça para focos mais específicos.

ABERTURA MUSICAL

Para dar início ao espetáculo, buscamos contextualizar a temática do modernismo e integrar o público através da linguagem da música. Neste sentido, escolhemos algumas canções que fazem parte da nossa identidade cultural brasileira e que de algum modo possamos estabelecer ligações com o contexto temático do espetáculo. Desta forma, pensamos que esta abertura musical tem o potencial de favorecer ao mesmo tempo a integração e a compreensão do contexto do espetáculo.

Neste sentido, antes de cada canção, o personagem “apresentador” fala um breve texto integrando a canção ao contexto do espetáculo. A título de sugestão, refletimos que possa haver flexibilidade na escolha deste apresentador. Desta maneira, a presença de um ou mais apresentadores pode oportunizar a participação de mais estudantes na cena. Neste sentido, pode haver um apresentador único ou pode haver vários apresentadores, um para cada canção.

No roteiro, apresentamos as canções que escolhemos ao lado dos textos que escrevemos. Contudo, este repertório e estes textos podem ser alterados em todo ou em parte pelo grupo que se propuser a realizar este espetáculo. Assim, para se definir a dinâmica desta abertura musical podem ser realizadas pesquisas, apreciações e ensaios. Através de diálogos, durante estes momentos, o repertório poderá ser ressignificado e/ou reconstruído.

Ainda no sentido de orientação para a apreciação artística das canções, optamos, neste caminho pedagógico, por nos posicionarmos em alinhamento a Barbosa quando nos diz que “não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz aqui e agora e o que disse em outros contextos históricos a outros autores” (Barbosa, 2008, p. 19).

Sugerimos ainda que, para facilitar a participação, sejam distribuídas ao público as letras das músicas do espetáculo. Além disso, estudantes do elenco espalhados na plateia podem cantar também ajudando a animar o público. Cantar junto em coro favorece um alinhamento emocional capaz de fortalecer em nós certas ideias e atitudes compartilhadas no texto das canções.

Agora, vamos começar?! Para dar início ao espetáculo, o “apresentador” sobe ao palco e direciona breves palavras no sentido de acolher o público e encaminhar o início da dramatização.

* * *

Apresentador – Boa noite. Sejam bem-vindos e bem-vindas a este maravilhoso espetáculo. Hoje, aqui e agora, a Companhia de Espetáculo Guia da Arte tem o prazer de apresentar o espetáculo “A Semana de Moderna”: uma aula espetáculo sobre o Modernismo Brasileiro! Para dar início às cenas gostaria de chamar ao palco, para o aplauso de vocês o nosso grupo musical!

Figura 2: Grupo Musical



Fonte: Acervo do autor.

* * *

O apresentador permanece e espera a equipe musical se acomodar no palco e então prossegue:

* * *

Apresentador – Dizem que relembrar é viver ... Neste sentido, ouvir esta primeira canção nos transportará ao clima musical do início do século XX. Ela é intitulada “Lamentos” e sua melodia foi composta em 1928 pelo maestro Pixinguinha. A peça musical pertence ao gênero Choro ou Chorinho, considerado o primeiro gênero musical genuinamente brasileiro. Uma curiosidade: a letra da canção só foi escrita por Vinicius de Moraes tempos depois na década 1960.

O genial compositor de choro Pixinguinha em parceria com o grande poeta Vinicius de Moraes nos presentearam com esta bela música e nós, neste espetáculo, queremos através dela valorizar nossa identidade cultural Brasileira. Quero convidar **todo mundo** a cantar junto com o grupo musical. Soltem a voz!

Figura 3: Vinícius e Pixinguinha



Fonte: Jornal GGN.

Disponível em:

<https://jornalggn.com.br/justica/documentario-mostra-parceria-entre-vinicius-e-pixinguinha/> Acesso em:25/06/2026

Acesse a Biografia e áudio



Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=7r2LSZ3mqQ8&list=RD7r2LSZ3mqQ8&start_radio=1 Acesso em:25/06/2026

Morena, tem pena
Mas ouve o meu lamento
Tento em vão te esquecer
Mas, ai, o meu tormento é tanto
Que eu vivo em prantos, sou tão infeliz
Não há coisa mais triste meu benzinho
Que esse chorinho que eu te fiz
Sozinho, morena
Você nem tem mais pena
Ai, meu bem, fiquei tão só
Tem dó, tem dó de mim
Porque eu estou triste assim por amor de você
Não há coisa mais linda neste mundo
Que o meu carinho por você

* * *

Após os aplausos, o apresentador volta ao palco para anunciar a próxima canção.

* * *

Apresentador – Grato pelos aplausos. A próxima canção chama-se “Aquarela”. Ela foi criada em 1983, inicialmente lançada na Itália como “*Acquarello*”. A obra é resultado de uma parceria internacional entre o cantor brasileiro Toquinho, o músico italiano Maurizio Fabrizio que compôs a melodia, o letrista italiano Guido Morra e o poeta brasileiro Vinicius de Moraes. Desde sua criação, ela vem fazendo parte relevante da cultura brasileira, principalmente na infância.

A canção nos convida a uma viagem no tempo através de imagens desenhadas em uma aquarela. O desfilar das palavras nos leva a imaginar os momentos lúdicos da infância,

Assista a Vinícius de Moraes cantando Lamentos



Disponível em:

https://youtu.be/7r2LSZ3mqQ8?si=O_hkzbd3Au5zoHc5
Acesso em: 26/06/2026

sentimentos de incerteza em relação ao futuro e a percepção de uma finitude na qual tudo descolorirá.

Assim como nesta música, os artistas modernos queriam expressar sua arte com criatividade e imaginação sua arte e o destino de suas vidas. Para celebrar estas ideias peço que cantem Aquarela com a gente. Vamos lá!



Aquarela

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
 Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
 E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
 Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
 Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
 Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
 Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
 Pinto um barco a vela branco navegando
 É tanto céu e mar num beijo azul
 Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
 Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
 Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
 E se a gente quiser ele vai pousar
 Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
 Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
 De uma América a outra consigo passar num segundo
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
 Um menino caminha e caminhando chega no muro
 E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
 E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
 Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
 Sem pedir licença muda nossa vida
 Depois convida a rir ou chorar
 Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
 O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
 Vamos todos numa linda passarela
 De uma aquarela que um dia enfim
 Descolorirá

Vídeo com o Toquinho contando a história de “Aquarela”.



Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CQVzNRGE4s>
 acesso em: 11/06/2026

Clipe original da música “Aquarela”



Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=mZ4wQas3oq4> Acesso
 em: 11/06/2026

* * *

Após os aplausos o apresentador retorna ao palco

* * *

Apresentador – Espero que vocês estejam gostando das músicas e das histórias. Como vocês estão se sentindo?... Estão bem? ... Estão gostando de cantar? ...

* * *

Neste momento o apresentador procura interagir. Fala com entusiasmo e empatia, procurando o contato visual das pessoas na plateia. A cada pergunta espera a resposta estabelecendo um breve diálogo. Após este momento interativo será apresentada a próxima canção.

* * *

Apresentador – A primeira metade do século XX foi um período marcado por duas grandes guerras. Na segunda guerra mundial, no ano de 1945, uma bomba atômica explodiu na cidade de Hiroshima. Tocado por esta tragédia o poeta Vinicius de Moares escreveu o poema “Rosa de Hiroshima” em 1946. Mais tarde poema foi musicado por Gerson Conrad. A canção foi lançada em 1973 pelo grupo Secos & Molhados se tornando um clássico da música popular brasileira... que ganha vida na voz precisa e na expressão cênica de Ney Matogrosso.

A rosa é muitas vezes vista como o símbolo da paixão, da beleza, da felicidade..., mas neste poema ela é carregada um significado bem diverso. Aqui ela é usada como metáfora pela semelhança em relação ao efeito da explosão atômica, vista como uma flor desabrochando. Contudo, o que desabrocha é uma flor da dor, “sem perfume, sem rosa, sem nada”. Neste espetáculo a “Rosa de Hiroshima” é um símbolo e compaixão e solidariedade pelas vítimas... Agora, peço que cantem conosco.

Figura 4: Secos e molhados interpretam Rosa de Hiroshima ao vivo.



Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=pTXs6n5QRiE>
 Acesso em: 25/06/2026

Análise da letra.



Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=pTXs6n5QRiE>
 Acesso em: 11/06/2026

**Pensem nas crianças
 Mudas telepáticas
 Pensem nas meninas
 Cegas inexatas
 Pensem nas mulheres
 Rotas alteradas
 Pensem nas feridas
 Como rosas cálidas
 Mas oh não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroshima
 A rosa hereditária
 A rosa radioativa
 Estúpida e inválida
 A rosa com cirrose
 A anti-rosa atômica
 Sem cor sem perfume
 Sem rosa sem nada**

* * *

Após este momento o apresentador volta ao palco e introduz a próxima canção.

* * *

Apresentador – O contexto deste espetáculo é o diálogo entre o tempo presente e os *tempos modernos* da primeira metade do século passado. Para nós, uma canção que faz precisamente esta ponte entre o presente e o passado no sentido da busca por uma modernidade sempre presente, é “Tempos Modernos” de Lulu Santos.

Para o artista, os “Tempos Modernos” expressos na letra canção fazem aluzam a ideias tidas como modernas no começo do século XX e que ainda se identificam com o sentido de ser moderno atualmente.

Uma modernidade que tenha uma visão confiante no futuro apesar de toda a hipocrisia.

Que seja esclarecida e solidária, que creia no amor e na força da paixão... sem discriminação...

Que veja um novo futuro de pessoas éticas, estéticas e acolhedoras...

O tempo passou e passa escorrendo como água pelas nossas mãos...

E o passado já não há!

Por isso, o artista nos convida: Vamos viver agora... plenamente... sonhar, criar e recriar... “Vamos nos permitir!”

Figura 5: Clipe original de “Tempos Modernos”.



Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=MVYZayhILJ8&list=RDMVYZayhILJ8&start_radio=1

Acesso em: 11/06/2026

**Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
De hipocrisia que insiste em nos rodear
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito
Do firmamento ao chão
Eu quero crer no amor numa boa
Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar a força que tem uma paixão
Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade pra dizer
Mais sim do que não, não, não
Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
E não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir**

Lulu fala dobre a canção
“Tempos Modernos”



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=muqSeMww3hQ&t=535s> Acesso em:

27/06/2026

* * *

Após a canção os músicos ficam de pé para agradecer os aplausos do público e retiram-se do palco. A luzes apagam e em seguida entra a próxima cena.

* * *

CENA 1 - AULA SOBRE O MODERNISMO BRASILEIRO

Esta é uma cena de uma aula na qual o personagem do professor interage com o público, estabelecendo um contado direto, transformando o público em sua turma e o auditório em sua sala de aula. Alguns estudantes do elenco devem estar em misturados com o público para interagir com o professor.

Numa proposta semelhante ao Teatro Invisível de Boal (1991) professor e estuantes fazem a cena de uma forma a parecer que realmente a aula está acontecendo. Para isso devem estar bem ensaiados para que pareça natural e o professor precisa estar preparado para possíveis interações que podem surgir do próprio público.

Personagens

Professor - Professor do ensino médio

Turma – Quatro estudantes dispersos em meio ao público

* * *

Entra o professor. O palco é seu espaço enquanto na plateia ficam os estudantes em diversos lugares diferente para se misturar ao público. O assunto da aula é o Modernismo no Brasil. Começa a aula.

* * *

Professor – Bom dia, classe!

Estudantes – Bom dia!

Professor - Hoje nosso tema é o Modernismo do Brasil e a Semana de Arte Moderna de 1922. Nosso objetivo é conhecer a Sociologia, a História e a Arte daquela época. Com isso espero que a gente possa conhecer nosso passado e por esse caminho compreender melhor o presente que estamos vivendo. Inicialmente, iremos apreciar e dialogar sobre algumas imagens e sons vindos do passado, especificamente da primeira metade do sec. XX.

* * *

Projetam-se uma edição de imagens do mundo no começo do sec. XX abordando diversos aspectos da cultura, da arte, da política e da economia. Neste sentido, as imagens são usadas para estabelecer uma conexão inicial para estimular a participação dos estudantes.

Após a imagens, professor e estudantes interagem. Neste momento, alguns pequenos silêncios durante a falam do professor e entre esta e a resposta dos estudantes podem trazer um ritmo natural à cena. Sugerimos ainda que as falas dos estudantes podem

também ser criadas por eles mesmos de acordo com seu interesse neste tema. Assim, podemos estimular a criatividade e a autonomia na construção das cenas.

O professor dá prosseguimento à aula fazendo uma introdução ao modernismo de forma interativa buscando a participação dos estudantes sobre o contexto histórico da primeira metade do século XX. Após cada resposta do estudante do elenco, o professor deve perguntar se alguém mais quer se manifestar para dar oportunidade ao público interagir e se sentir participando da cena.

* * *

Professor - O que chamou atenção de vocês nestas imagens?

Estudante 1 - A tecnologia e a moda daquela época... O modo como as pessoas se comportavam.

Professor – Muito bem! Alguém mais?... Agora outra pergunta... prestem bem atenção ...Quais os principais acontecimentos históricos da primeira metade do século XX?...

Estudante 2 – A invenção do rádio... dos carros, do avião ...

Professor – Ótimo! Alguém mais?... estão indo bem, gosto quando meus alunos participam da aula. Mais uma! Digam quais as mudanças que ocorriam na arte e na sociedade naquele período?

* * *

Um estudante levanta a mão e fala:

Estudante 3 – Professor!?

Professor – Pode falar

Estudante 3 – Ocorreu a Semana de Arte Moderna em 1922... esta época também é conhecida como “Os Loucos Anos 20”. Depois da primeira guerra mundial havia uma procura pela liberdade como se não houvesse amanhã.

Professor – Sim isso mesmo! Sugiro que vocês pesquisem mais sobre este assunto. Agora, só mais uma questão... (olhar pensativo) O que este mundo moderno nos ajuda a refletir sobre o mundo contemporâneo, ou seja, refletir sobre o Brasil e o mundo em que vivemos hoje?

Estudante 4 – Sobre a importância da liberdade de expressão e sobre questões de igualdade e liberdade de gênero. Faz refletir também sobre as rápidas mudanças que acontecem na sociedade.

Professor – Alguém mais que comentar? ... Muito bem! Parabéns por suas observações e interesse no assunto. E Nossa aula está só começando. Para pensar mais sobre isso, quero contar uma história pra vocês... Era 1922, o mundo vivia a efervescência dos “loucos anos 20”. No Brasil se comemorava os 100 anos da independência do país. Na época um evento se destacou: A Semana de Arte Moderna de 1922... Prestem bem

atenção... Neste momento da aula quero propor uma vivência, pode ser?... Vamos fazer agora uma viagem no tempo e ver como tudo aconteceu? Convido vocês a diminuir o seu ritmo... fechar calmamente os olhos ... respirem fundo... num passe de mágica estaremos lá.

* * *

Feçam-se as Luzes e passamos à cena na casa de Paulo Prado onde a ideia surgiu de realizar em 1922 um festival de arte moderna.

CENA 2 - ASSIM NASCE UMA IDEIA

Personagens:

Anita Malfatti – pintora modernista

Lebrun – francesa esposa de Paulo Prado

Mario de Andrade – escritor modernista

Menotti Del Picchia – escritor modernista

Oswald de Andrade – escritor modernista

Paulo Prado – Cafeicultor

Contexto e personagens

Esta cena marca o início de nossa narrativa com uma pactuação no sentido de realizar a ideia de fazer acontecer a semana de arte moderna. Nela, atuam alguns dos principais protagonistas envolvidos na realização do evento. O ano era 1922 e Brasil celebrava o centenário de sua independência. Neste contexto, o movimento modernista viu uma oportunidade de reunir-se e sobre isso Tufano que nos diz:

Já que o ano de 1922 prometia grandes eventos, seria talvez interessante comemorar a data com um festival ou uma exposição de arte Moderna pensaram os modernistas de São Paulo. Inicialmente, imaginava-se fosse um evento modesto na livraria O Livro no centro de São Paulo onde os modernistas costumavam reunir-se para palestras, conferências, leitura de textos. (Tufano, 2021, p. 62)

Assista às cenas da Semana de Arte Moderna na novela *Um só coração* (Rede Globo)



Com desenrolar dos diálogos e ideias, o sonho de realizar o evento modernista começou a crescer. Com o desenrolar dos acontecimentos alguns apoios foram agregando uma nova dimensão à ideia. Neste sentido, o escritor e diplomata Graça Aranha no intuito de viabilizar o evento apresenta o grupo de modernistas ao seu amigo Paulo Prado um cafeicultor muito rico. Fruto da pesquisa sobre esta História, a segunda cena é uma síntese poética deste contexto que reúne personagens e acontecimentos para marcar no nosso

Figura 5: Retrato de Paulo Prado



Fonte: Di Cavalcante. Disponível em: <https://www.dargenteiloes.net.br/peca.asp?ID=6546734&ctd=170>. Acesso em: 27/06/2026

espetáculo o nascimento da ideia que levou à realização da Semana de Arte Moderna.

O ambiente onde acontece a ação dramática é a casa de Paulo Prado (Figura 5) que, além do que já foi dito a seu respeito, era um homem culto e viajado de família tradicional de São Paulo. Paulo era casado com uma francesa chamada Marie Lebrun também conhecida como Marinette, uma mulher culta e inteligente que frequentava o ambiente artístico na França, um dos principais centros culturais da Europa na época.

Numa espécie de sarau festivo, o casal recebe em sua casa um grupo de artistas para pensar sobre algum acontecimento moderno que pudesse arejar o ambiente artístico a despeito da resistência dos conservadores.

Os artistas modernistas que participam da cena são:

Anita Malfatti



Figura 6: Retrato de Anita Malfatti
Fonte:
<https://www.elfikurten.com.br/2013/05/anita-malfatti-precursora-do-movimento.html>
Acesso: 27/06/2026

Foi uma das pioneiras no modernismo e se tornou uma de suas principais pintoras. Apesar de sua origem humilde conseguiu apoio para estudar arte moderna na Alemanha e nos Estados Unidos. Em 1917 fez uma exposição que é considerada um marco para o modernismo brasileiro.

Essa exposição acabou tendo muita repercussão na história do Modernismo por causa da crítica feita por Monteiro Lobato no Jornal O Estado de S. Paulo. A polêmica criada em torno disso projetou o nome de Anita Malfatti de um modo que ela nem imaginava, para o bem e para o mal (Tufano, 2021, p. 41-42).

Mário de Andrade



Figura 6: Mário de Andrade
Fonte:
<https://www.cidadeecultura.com/mario-de-andrade-80-anos-de-sua-morte/>
Acesso: 27/06/2026

Mário de Andrade foi um dos principais artistas e intelectuais brasileiros. Atuou como criador de uma vasta obra em diversas linguagens tais como música, literatura e artes visuais, estudos sobre a cultura popular. A arte para ele era uma caminho para de uma maneira moderna e crítica de ver o Brasil. Parte importante das ideias do movimento modernista são de autoria dele expressa em obras como Macunaíma (1928) e Pauliceia Desvairada (1922). Mário era um estudioso, tinha uma personalidade mais reservada e era educado quando discordava.

Oswald de Andrade

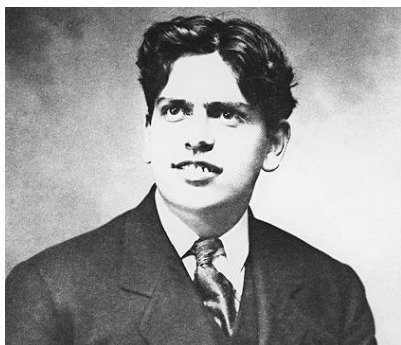


Figura 7: Oswald de Andrade

Fonte:

<https://www.blogletras.com/2011/01/oswald-de-andrade.html>

Acesso: 27/06/2026

Oswald de Andrade escreveu peças de Teatro, poesia e romance de forma radicalmente inovadora. Sem dúvida, ele era um artista que ousou estar à frente de seu tempo demonstrando em sua obra uma preocupação com a crítica social (Magaldi, 2004). Entre outras obras, foi autor da peça “O Rei da Vela” (1937) e do “Manifesto Antropófago” (1928) que propôs a ideia da antropofagia cultural no sentido de “devorar” criticamente as influências estrangeiras de forma a estabelecer um diálogo destemido entre a cultura brasileira e o mundo. Era do tipo expansivo, inquieto e agressivo em suas críticas arranjando por causa disso muitas inimizades (Tufano, 2021).

Menotti Del Picchia



Figura 8: Menotti Del Picchia

Fonte: <https://shorturl.at/7azEK>

Acesso em: 27/06/2026

Foi um incansável batalhador em favor do movimento modernista. Fazia Conhecido em todo o Brasil e querido entre os jovens por causa de seu poema Juca Mulato (1917) e sua peça teatral Máscaras (1920). Tinha um talento artístico bem diverso, “fazia teatro, romances, crônicas excelentes, pintura, escultura, tocava piano, o diabo, e era fazendeiro, industrial, advogado, banqueiro, político e editor” (Andrade, 2021, p. 109).

* * *

Para dar início a esta cena, projeta-se um vídeo em preto e branco no lado esquerdo do palco com casais dançando Charleston. Na sequência, pela plateia, entram os personagens no palco (casa de Paulo Prado) dançando Charleston ao som de uma banda da época. Paulo Pardo e Oswald de Andrade sobem ao palco e direcionam-se a um pequeno bar montado no canto direito do palco, enquanto os outros quatro personagens formam dois pares e procuram desenvolver uma coreografia ao estilo da música que era moda à época dos anos 1920.

Figura 9: Dança Charleston

**Veja o vídeo da
dança Charleston.**



Fonte:

[https://www.youtube.com/watch?](https://www.youtube.com/watch?v=psch9N4PmO4)

[v=psch9N4PmO4](https://www.youtube.com/watch?v=psch9N4PmO4)

Acesso em: 27/06/2026

O personagens comportam-se como dançarinos amadores cheios de energia se divertindo de modo expressivo e despreocupado. Em seguida, para finalizar a coreografia fingem errar os passos da dança, tropeçam e terminam gargalhando e assumindo várias níveis (deitados, sentados ou de pé) na cena explorando o espaço do Palco. Na sequência, Paulo e Oswald servem bebidas aos convidados quando se repente Paulo olha para Mario e fala de forma extrovertida e irônica.

* * *

Paulo - Um poema Mario! Mas nada desse blá blá blá parnasiano e acadêmico, pois não temos um dicionário aqui (todos riem). Queremos um poema moderno!

Todos - Mario! Mario! Mario!

Mário – Está bem, está bem... Ouçam todos...

* * *

Mario de Andrade recita de forma eloquente o poema “Poética” de Manuel Bandeira. Neste trecho sugerimos que o ator possa incluir o público na cena dirigindo-se alternadamente o olhar e o gesto para o público e para os atores.

* * *

Mario – Poética!... de Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem-comportado
Do lirismo funcionário público com livro
de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao
Sr. Diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai
averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas!

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

Não quero mais saber do lirismo que não
é libertação!

* * *

Todos aplaudem! Bravo! bravo!

* * *

Oswald – É disso que precisamos! Deste espírito livre! Ousado! Esta casa é um oásis nessa São Paulo conservadora, cinza e sem graça. Nada de novo acontece aqui. A última coisa que me lembro foi a exposição de Anitta que mexeu com os ânimos de Monteiro Lobado em 1917. Como era o nome do artigo?

Menotti – Paranoia ou Mistificação? (Diz em tom expressivo, pausado e irônico se dirigindo ao público)

Anita – Nem me falem amigos. Até hoje não me recuperei daquela exposição. Passei dias chorando. Duvidando de mim mesma. Sou grata pelo apoio que vocês me deram na época. Só vocês que gostam do expressionismo aqui nessa cidade. (Fala em tom melancólico, sofrido)

Mario- Que é isso minha amiga. Seu trabalho é revolucionário e precisa ser mostrado e valorizado no Brasil e no mundo! Você sabe o carinho que tenho por você...(Olha nos olhos de Anita com ternura). Os seus quadros ainda vão mexer muito com essa cidade.

Oswald – Falar em Brasil... alguém sabe o que é o Brasil depois de 100 anos de independência? Precisamos modernizar nosso país. Gosto de pensar um Brasil que queira devorar o mundo. Cubismo, futurismo e outros modernismos. Uma união do melhor do mundo expresso de um jeito brasileiro.

Menotti - Os cem anos da independência não podem passar sem destaque para o modernismo. Precisamos de algo que marque o nascimento de um país moderno, veloz... Como iremos mostrar nossa uma arte nova para o Brasil?

Lebrun – Vocês poderiam fazer aqui um festival como os que acontecem em Paris. Uma semana de arte do futuro. Pode ter de tudo um pouco, música, dança, artes visuais, teatro. (a atriz deve treinar falar o texto imitando um sotaque francês)

* * *

Todos olham paralisados para Lebrun

* * *

Lebrun – O que foi? disse alguma coisa errada *mon amour*. (Se dirigindo a Paulo Prado)

Mario – Isso! Vamos sacudir essa cidade. Vamos fazer a Semana de Arte Moderna para mostrar que o Brasil também sabe olhar adiante. Vamos libertar essa cidade do conservadorismo!

Paulo Prado – Querida você é genial! Podemos fazer no Teatro Municipal hein? Que tal? (Fala com empolgação chamando atenção de todos) Vendi uma fortuna em café e vou bancar o aluguel do teatro. Vocês têm coragem de ser vanguarda?

* * *

Todos falam alto entre si ao mesmo tempo concordando com o desafio.

* * *

Oswald – Então...eu proponho um brinde. Ao sucesso da Semana de Arte Moderna
Todos dizem alto e felizes

Todos - Semana de arte moderna de 1922.

CENA 3 – A SEMANA MODERNA DE ARTE NO RÁDIO

A primeira transmissão radiofônica no Brasil ocorreu em 7 de setembro de 1922 em meio a uma série de homenagens ao centenário da independência do Brasil. Na ocasião foram transmitidos um Discurso do presidente da república Epitácio Pessoa e a apresentação da ópera O Guarani de Carlos Gomes direto do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em fevereiro deste mesmo ano foi realizada a Semana de Arte Moderna, também no sentido de marcar a data do centenário. Embora, o evento modernista tenha ocorrido antes do rádio se tornar popular no país, escolhemos trazer esta mídia para cena por sua relevância cultural e histórica para o Brasil da primeira metade do século XX, período que nos interessa nesta nossa síntese poética do Modernismo Brasileiro.

Teatro Jornal

Dando continuidade à ideia de incorporar o Rádio à cena do espetáculo procuramos estar alinhados à proposta do Teatro Jornal de Boal (1971) no sentido de pesquisar e dramatizar notícias para nesta prática refletir de forma crítica sobre o que é dito e o que não é dito na construção dos discursos da mídia capitalista.

A forma de "teatro-jornal" tem vários objetivos. Primeiro, procura desmistificar a pretensa "objetividade" do jornalismo: demonstra - que uma notícia publicada em um jornal é uma obra de ficção. A importância de uma notícia e o seu próprio caráter dependem de sua relação com o resto do jornal" (Boal, 1971, p. 57).

Partindo desta abordagem propomos uma dinâmica teatral na qual inicialmente, em duplas, o grupo de estudantes pesquise notícias de hoje e da época do modernismo. Em seguida, as duplas de radialistas apresentam suas notícias para os colegas. Após a apresentação de cada esquete se estabelece um diálogo reflexivo sobre o conteúdo das notícias e sobre a forma como os colegas se apresentaram.

Através desta dinâmica se pode pesquisar novas notícias para reinventar esta parte do roteiro de forma a estimular a participação crítica e criativa dos estudantes.

* * *

Fecham-se as Luzes e segundos depois um foco de lanterna ilumina o cenário do estúdio de um programa de rádio localizado no canto extremo esquerdo do palco. Projeta-se uma imagem de um aparelho de rádio antigo e ouve-se um efeito sonoro típico de uma rádio antiga para em seguida o radialista fala com sua voz impostada e empolgada.

Figura 10: Representação do Rádio antigo



Fonte: <https://revistaanamaria.com.br/tecnologia/o-primeiro-radio-criado-que-mudou-a-comunicacao-para-sempre/>
Acesso: 27/06/2026

Radialista 1 - Bom dia aos ouvintes da Rádio ... A Voz de São Paulo!

Radialista 2 - Bom dia meus queridos ouvintes

Radialista 1 - Eu sou (sugiro que os estudantes criem os nomes dos radialistas)

Radialista 2 - E eu sou ...

Radialista 1 e 2 - Juntos somos... A Voz de São Paulo!

Radialista 1 - Notícias do dia

Radialista 2 - Mais uma greve acontece na cidade de São Paulo. Trabalhadores das fabricas de carros estão totalmente parados. Eles reclamam dos baixos salários e das longas jornadas de trabalho.

Radialista 1 – Os empresários do setor estão negociando, mas ameaçam multar os sindicatos e despedir os trabalhadores grevistas se não voltarem imediatamente aos trabalhos. Meu Deus! Será que no próximo século estes problemas estarão resolvidos? (silêncio dramático ou som de suspense)

Radialista 2 – Momento musical!

Radialista 1 - Hoje queremos presentear vocês com a mais bela música de Pixinguinha e João de Barro intitulada “Carinhoso”.

Radialista 2 - Com o patrocínio do café Prado Maior a nossa orquestra fará esse carinho musical no coração do ouvinte.

* * *

A orquestra toca, canta e convida o público a se juntar cantando a música Carinhoso.

* * *

**Meu coração, não sei por quê
Bate feliz quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim foges de mim**

Ah, se tu soubesses
Como sou tão carinhoso
E o muito, muito que te quero
E como é sincero o meu amor
Eu sei que tu não fugirias mais de mim
Vem, vem, vem, vem
Vem sentir o calor dos lábios meus
À procura dos teus
Vem matar esta paixão
Que me devora o coração
E só assim então serei feliz
Bem feliz
Meu coração

Assista à interpretação
 de Carinhoso por Marisa
 Monte e Paulinho da
 Viola



Composição: João de Barro, Pixinguinha.

Radialista 2 - Esta foi a nossa afinada orquestra fazendo especialmente para você “Carinhoso” do nosso grande Maestro Pixinguinha.

Radialista 1 - Depois deste afago musical vamos para novas notícias

Radialista 2 - O ouvinte certamente lembra do terremoto que aconteceu outro dia aqui na cidade?

Radialista 1 - Eu lembro que corri para a rua de pijama com medo da casa cair. Todo mundo do lado de fora com roupas de dormir. Foi assustador e bem constrangedor.

Radialista 2 - Pois preparem seus corações para fortes emoções queridos ouvintes... Para fazer tremer novamente o chão da capital paulistana vem aí a Semana de Arte Moderna!

Radialista 1 - Os artistas dizem que pretendem sacudir as bases tradicionais da arte e da sociedade paulistana. Academicismo e Parnasianismo nunca mais!

Radialista 2 - O evento acontecerá nos dias 13, 15 e 17 no Teatro Municipal de São Paulo. Os artistas que prometem fazer a cidade tremer são: Maestro Villa-Lobos e os pintores Anitta Malfatti e Di Cavalcanti

Radialista 1 - Os escritores e poetas Menotti Del Picchia, Oswald e Mario de Andrade, que não são irmãos, também prometem botar toda tradição abaixo. Não percam!

Radialista 2 - E este foi mais um programa...

Radialistas 1 e 2 - “A Voz de São Paulo”.

Radialista 1 – Eu sou...

Radialista 2 - E eu sou...

Radialistas 1 e 2 - Boa noite

CENA 4 - AS TRÊS NOITES MODERNAS

A Semana de arte Moderna de 1922 foi um festival que aconteceu em três noites e envolveu récitas de textos poéticos, palestras, exposições, bailados e música com o objetivo de reunir artistas e obras que apontavam propostas estéticas novas para a arte Brasileira. O evento convidou artistas conhecidos como a pianista brasileira Guimar Novaes e o maestro Heitor Villa-Lobos no sentido de atrair a atenção da sociedade Paulistana da época e ainda contou com presença de autoridades como o Governador do estado Washington Luís.

Desta maneira modernistas conseguiram realizar o evento com a visibilidade necessária para chamar atenção da imprensa e causar um forte impacto em um público pagante conservador ainda não familiarizado com as rupturas estéticas propostas pelos artistas.

* * *

Agora, vamos novamente à cena. O que segue é a nossa síntese poética da primeira noite com a palestra dos artistas Graça Aranha e Menotti Del Picchia que na nossa versão desenvolvem um diálogo entre eles e com o público sobre a estética provocadora da arte moderna. A proposta é que as falas dos palestrantes provoquem reações apaixonadas do público a favor e contra as propostas inovadoras.

Para a dinâmica desta cena continuamos com a proposta do Teatro Invisível (Boal, 2025) de haver estudantes em meio ao público que reajam às falas com aplausos, vaia e palavras apoiando ou reprovando as falas e assim se coloquem como dinamizadores da participação do público.

A ideia desta cena é refletir com os estudantes sobre o contraste do conservadorismo em relação às ideias modernistas e espelhar esta situação para o tempo presente dialogando sobre como contradições semelhantes ainda estão presentes de maneira significativa na nossa sociedade. Podemos refletir que a paixão com que as ideias são rejeitadas pelo público remete à uma falta de racionalidade e ao fanatismo na defesa violenta de ideias discriminatórias e reacionárias.

Na sequência para encerrar a primeira noite há uma apresentação musical sob regência do maestro Heitor Villa-Lobos.

Primeira Noite (Palestras e Músicas)

Tudo preparado para a primeira noite. Sobre isso Tufano nos diz:

Tudo estava pronto: a montagem da exposição, os cartazes e a divulgação nos jornais inclusive com alguns ataques provocativos de Oswald de Andrade contra a arte tradicional e, sobretudo, contra alguns nomes consagrados como compositor Carlos Gomes (1836/1896). A Semana de Arte Moderna podia começar (Tufano, 2021, p. 65).

Figura 11: Cartaz da Semana de Arte Moderna



Figura 12: Theatro Municipal de São Paulo



Começa o evento no Teatro Municipal de São Paulo. A palestra que segue expressa de forma sintética algumas das principais ideias modernistas inspiradas em trechos das palestras originais dos artistas na época (Aranha, 1968; Tufano, 2021). Para dar início à cena, uma apresentadora adentra ao palco, anuncia o evento e em seguida convida os palestrantes para falar sobre a estética da Arte Moderna Brasileira.

* * *

Apresentadora - Boa noite senhoras e senhores. Sejam bem-vindos ao futuro! Começa hoje a Semana de Arte Moderna. Serão três noites intensas que ficarão marcadas na nossa memória para a eternidade. Viva a liberdade criativa! abaixo aos puristas! E para falar sobre Arte Moderna Brasileira quero chamar ao palco para o aplauso de vocês os senhores Menotti Del Picchia e Graça Aranha.

* * *

Os Artistas assumem o palco para a palestra:

* * *

Aranha – Para muitos de vós a estranha exposição que abrimos hoje, é um amontoado de horrores. Aquele homem amarelo... aquele carnaval alucinante... aquela paisagem invertida... são desvairadas interpretações da natureza e da vida. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, ouviremos uma poesia liberta! uma música extravagante! que irá revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado.

Menotti - O que queremos é expressar nossa arte com espontaneidade e liberdade. Queremos quebrar com os velhos padrões! O neoclassicismo na pintura e parnasianismo na literatura não falam mais ao nosso tempo. Hoje precisamos de novas ideias. O conhecimento acadêmico ensinado nas escolas de artes já não acompanha o progresso da vida. Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos... Velocidade e sonho na Arte!

Aranha - Hoje o tempo voa e a velocidade e força das máquinas mudaram o mundo e novas tecnologias apontam para um futuro de liberdade para criar.

A Arte precisa se libertar do passado. O artista deve libertar-se de normas rígidas na arte e na vida.

Devemos escolher se queremos ou não rimar. Se queremos contar ou não as sílabas dos versos. Queremos nos aproximar da linguagem popular do Brasil. Viva a cultura Brasileira!

Menotti - Não queremos mais produzir um quadro como uma cópia fiel da realidade. Um quadro é um quadro. Uma realidade em si mesma nascida da individualidade do Artista. Um universo único a ser pintado e apreciado na sua originalidade.

E toda arte deve ser crítica participando da mudança social ao lado do povo brasileiro!

Aranha - E por fim para fazer soar a música moderna brasileira: ritmos e temas nacionais expressos de forma renovada. Chamamos ao palco para os aplausos de vocês o Maestro Heitor Villa-Lobos com a canção O Trenzinho do Caipira, de sua composição com o poeta Ferreira Gullar!

* * *

Os músicos entram no palco e depois entra o maestro com um dos pés enfaixado. Os estudantes em meio ao público se inquietam comentando a quebra de protocolo do maestro. Em seguida tudo silencia e a música começa. Os estudantes tocam e cantam o Trenzinho do Caipira regidos pelo maestro.

Figura 13: Fotografia
Heitor Villa-Lobos



O Trenzinho Caipira
(Versão Villa Lobos)



O Trenzinho Caipira
(Versão Adriana
Calcanhoto)

**Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar**

**Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra, vai pelo mar**

**Cantando pela serra, o luar
Correndo entre as estrelas, a voar
No ar
No ar**

**Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar**

**Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra, vai pelo mar**

**Cantando pela serra, o luar
Correndo entre as estrelas, a voar
No ar
No ar**

**No ar
No ar
No ar
No ar**

Composição: Heitor Villa-Lobos, Ferreira Gullar.

* * *

O público aplaude, os músicos agradecem e em seguida saem do palco. As luzes se apagam e segundos depois voltam a acender-se para dar início à segunda noite do festival.

Segunda Noite

(Exposição de Quadros Vivos e Modernos)

Nesta cena, os salões internos do Teatro Municipal de São Paulo são transpostos para o palco principal no qual três quadros modernistas são apreciados por meio da projeção da imagem de cada quadro integrado a uma trilha musical. Após alguns segundos de apreciação do quadro junto com a música são feitas breves descrições dos quadros por personagens identificadas como Guias da Exposição Modernista.

Na sequência entram no palco os personagens para dar vida àquela pintura. No primeiro momento os personagens assumem uma postura extática similar à técnica do Quadro Vivo sobrepondo-se à projeção da imagem representada. Logo em seguida, uma a uma estes personagens ganham movimento e fala. Ressignificados através das cenas, as pinturas modernas tornam-se então Quadros Vivos através das ações teatrais de seus personagens.

Para Diderot, o quadro - vivo (tableau vivant) equivaleria a um fragmento da vida cotidiana e deveria ser estruturado de modo a conter a possibilidade de despertar narrativas em forma de ações. Segundo Patrice Pavis, Diderot inaugura, com os quadros-vivos (tableaux-vivants), uma dramaturgia que busca mostrar o dia-a-dia em situações simples e patéticas, no desejo de revelar a condição do Homem (Junior, 2010, p. 10).

Através desta técnica podemos criar um diálogo entre as linguagens artísticas de forma a ampliar as referências estéticas sobre o modernismo. Desta forma a pintura projetada, a trilha sonora e o teatro integrando-se para refletir de uma forma mais ampla, dinâmica e dialógica sobre o que a arte modernista nos comunica hoje em nosso contexto e o que ela comunicou a outras pessoas em outros contextos (Barbosa, 2008).

* * *

Estamos de volta à cena. Desta vez são duas personagens representando Guias da exposição modernista com o objetivo de apresentar as pinturas ao público. Elas ganham o palco para iniciar a segunda noite do festival de arte moderna!

* * *

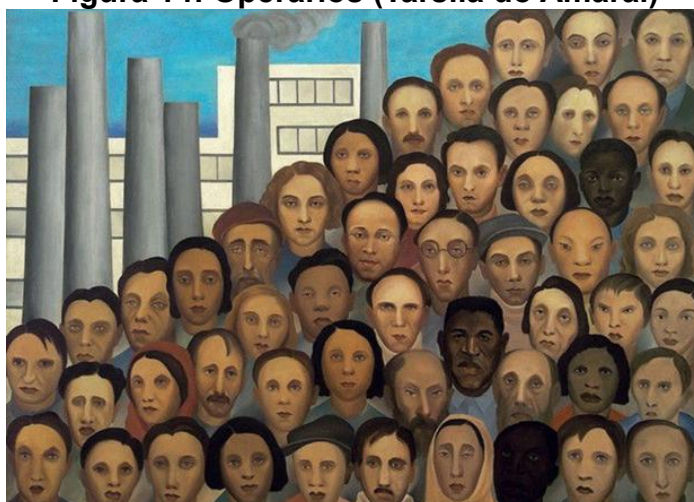
Guia 1 – Sejam bem-vindos à segunda noite da Semana de Arte Moderna. Hoje teremos a apresentação de artes visuais. Peço a atenção dos senhores e das senhoras para a apreciação de algumas pinturas que são bastante representativas do modernismo brasileiro.

* * *

Após a fala de abertura, é projetada no palco a imagem do primeiro quadro.

* * *

Figura 14: Operários (Tarsila do Amaral)



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82341-operarios> Acesso em: 28/06/2026

Guia 1 - Esta pintura é Operários, de Tarsila do Amaral, pintado em 1933. Observem como a artista representa uma multidão de trabalhadores, homens e mulheres, de diferentes etnias, dispostos lado a lado, quase sem espaço entre si. A diversidade de olhos, cabelos e cores revela a pluralidade do povo Brasileiro... A pintura denuncia as péssimas condições de trabalho urbano representados pelas figuras que perdem suas individualidades amontoadas numa massa trabalhadora.

Ao fundo, vemos as chaminés das fábricas, símbolos do processo de industrialização em São Paulo. Tarsila nos mostra uma realidade urbana, social e política opressora. Em uma arte crítica em relação à condição dos trabalhadores brasileiro na modernidade.

* * *

Logo após esta fala, entram um a um os atores participantes da composição do quadro vivo. Ao chegarem em suas posições assumem, por alguns segundos, uma postura estática semelhante às figuras da pintura “Operários”. Em seguida, um a um, os personagens começam a sua ação cênica emprestando movimento e voz ao quadro.

Figura 14: Fotografia do espetáculo



Fonte: Acervo do autor.

* * *

Operário 1 - Meu nome não importa. Dentro dos muros da fábrica a gente é só mais uma peça na engrenagem. Lá fora há vida... eu tenho esposa e filhos, mas não tenho tempo para eles... A gente trabalha até dezesseis horas por dia e o salário mal dá para sobreviver.

Operária 2 - Sou mulher e trabalho duplamente: na fábrica e em casa... No trabalho sou explorada pelo patrão e em casa oprimida pelo marido. Precisamos nos unir para lutar por salários justos e direitos iguais entre homens e mulheres.

Operário 3 – Sou apenas uma criança... quero brincar com meus amigos, estudar... mas ninguém me enxerga. Para esse mundo sou apenas uma peça mais barata. Precisamos de leis para acabar com o trabalho infantil.

Operária 4 – Penso que o trabalho não precisa ser fonte de exploração do homem pelo homem. Mas fizeram da fábrica um lugar onde quem manda é apenas o lucro. Por isso precisamos lutar por um dia possamos ter um trabalho mais humanizado.

Operário 5 – Chega de escravidão moderna. Vamos nos organizar em sindicatos, fazer greve e ir para rua lutar por um mundo mais justo. Porque só juntos podemos transformar esse sistema que nos oprime.

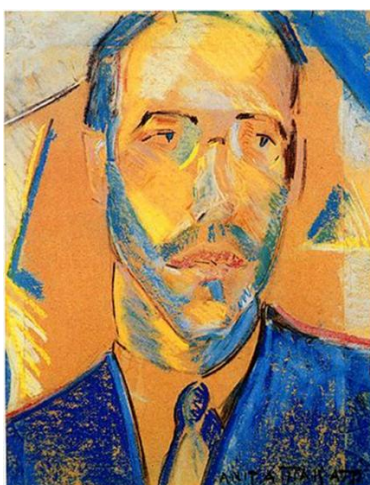
Todos juntos com firmeza:

Queremos justiça!
Queremos liberdade!
Queremos Humanidade!

* * *

As luzes apagam-se e projeta-se o próximo quadro. A segunda personagem Guia número dois da exposição inicia a apresentação da pintura:

Figura 15: Retrato de Mário de Andrade (Anita Malfatti)



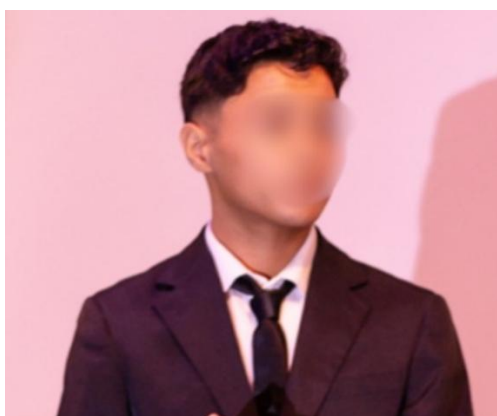
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.
Disponível em:
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82711-retrato-de-mario-de-andrade> Acesso em: 28/06/2026
* * *

Guia 2 – Na sequência, podemos apreciar o quadro “Retrato de Mário de Andrade” pintado em 1922 por Anita Malfatti. Percebam a influência expressionista no uso de cores fortes e pinceladas rápidas e marcadas em relevo na tela. Nesta pintura a artista expressa sua profunda amizade a um dos principais artistas e intelectuais do modernismo Brasileiro. A pintura foi produzida no calor dos acontecimentos de 1922 movida um sentimento de amizade e gratidão...Mario de Andrade reconheceu em Anita, desde o início, um pioneirismo dentro do movimento modernista e ficou ao seu lado contra as críticas conservadoras que surgiram na época.

* * *

Neste quadro, a figura de Mario de Andrade ganha vida e encontra-se com o personagem de uma entrevistadora na boca de cena e com ela encena uma entrevista na qual faz uma crítica sobre si mesmo e sobre a Semana de Arte moderna de 1922. Esta entrevista foi encenada a partir do texto de Tufano (2021, p. 90-91) no qual as repostas de Mario de Andrade foram retiradas de seus próprios escritos e depoimentos.

Figura 16: Foto do espetáculo



Fonte: Acervo do autor.

* * *

Entrevistadora – Mario, você participou da polêmica Semana de Arte Moderna, em 1922. Como foi essa experiência? Ela mudou a sua vida?

Mario de Andrade – meu mérito de participante é mérito alheio: fui encorajado, fui enceguecido pelo entusiasmo dos outros. Apesar da confiança absolutamente firme que eu tinha na estética renovadora, mas que confiança, fé verdadeira, eu não teria forças, nem físicas, nem morais, para arrostar aquela tempestade de achincalhes. E se aguentei o tranco foi porque estava delirando. O entusiasmo dos outros me embebedava não o meu. Por mim, teria cedido. Digo que teria cedido, mas apenas nessa apresentação espetacular que foi a semana de arte moderna. Com ou sem ela minha vida intelectual teria sido o que tem sido.

Entrevistadora - Você e Oswald fizeram uma boa parceria...

Mario - Oswald foi a figura mais característica da dinâmica do movimento

Entrevistadora – Você acha que um escritor tem de ter uma participação ativa na sociedade?

Mario – Se a sociedade está em perigo, conclui-se que o escritor tem a obrigação indeclinável de defendê-la. Infelizmente não são muitos os que entre nós se capacitaram para isso. Uns por não possuírem consciência profissional. Outros por não possuírem consciência de espécie alguma. Não há por onde fugir. Ninguém pode cruzar os braços, ficar acima das competições sociais.

Entrevistadora – A arte, então, pode ser vista como um instrumento de combate?

Mario – A arte pode ser evidentemente um instrumento de combate e aí estão admiráveis instrumentos de luta, como o “Inferno” de Dantes, o Dom Quixote de Cervantes, o Guerra e Paz de Tostói, e tantos mais. Porém, o que ninguém pode negar é que todos esses combatentes foram admiráveis artistas e que é justamente pela beleza de exposição formal do seu pensamento que eles adquiriram o valor de combate que têm.

Entrevistadora – A sua geração modernista foi participante?

Mario – Jugo que nós, rapazes daquela época, devíamos ter participado mais da vida pública do país, devíamos ter nos interessado mais pelo Brasil – por um Brasil que não fosse apenas arte. Fomos uns contemplativos, uns abstencionistas. Está claro que houve exceções nada convincentes. No geral, permanecemos à margem de certas realidades. E hoje em dia me parece que não tínhamos esse direito. É esse um direito que os moços jamais têm.

Entrevistadora – Os modernistas de 1922 então não devem servir de exemplo?

Mario – Eu creio que os modernistas de 1922 não devem servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição.

Entrevistadora – Se pudesse dar um conselho aos jovens de hoje, o que diria?

Mario – Façam ou se recusem a fazer artes ciências e ofícios. Mas não fiquem apenas nisso, espíões da vida, camuflados em técnicos da vida espiando a multidão a passar. Marchem com as multidões!

* * *

O público aplaude, as luzes apagam-se e, em seguida, projeta-se o terceiro Quadro Vivo, última atração da segunda noite da “Semana Moderna”. A guia entra no palco e faz a apresentação da pintura.

Figura 17: Retirantes (Portinari)



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.
Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83879-retirantes>
Acesso em: 28/06/2026
* * *

Guia 1 – Para encerrarmos esta noite, convido-os a apreciar esta poderosa pintura criada por Cândido Portinari em 1944 chamada “Retirantes”. A cena retrata uma família pobre de migrantes nordestinos desgastados pela fome e pela sede em meio a um cenário árido. Percebiam como os corpos estão magros e os rostos abatidos transmitindo a dor do flagelo da seca.

Portinari nasceu em Brodowski, no interior paulista e conhecia de perto a realidade difícil dos trabalhadores rurais. Desse modo, sua pintura busca experimentar cores e formas no sentido de retratar o sofrimento do povo. Retirantes é um retrato da desigualdade brasileira, que de muitas formas continua a ser um relevante problema social atualmente.

* * *

Após a fala da Guia, os personagens formam a postura do Quadro Vivo e em seguida recitam o trecho inicial de “Morte e Vida Severina”, o poema mais popular de João Cabral de Melo Neto escrito entre 1954 e 1955. O poema retrata as condições desumanas vividas pelo emigrante nordestinos. Propomos que cada estrofe recitada alternadamente por um dos retirantes e que na parte em negrito todos os retirantes falem em coro.

Figura 18: Cena do espetáculo



Fonte: Acervo do autor.

* * *

— O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.

(todos)
Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:
 na mesma cabeça grande
 que a custo é que se equilibra,
 no mesmo ventre crescido
 sobre as mesmas pernas finas,
 e iguais também porque o sangue
 que usamos tem pouca tinta.

**E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,**
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).

**Somos muitos Severinos
 iguais em tudo e na sina:**
 a de abrandar estas pedras
 suando-se muito em cima,
 a de tentar despertar
 terra sempre mais extinta,
 a de querer arrancar
 algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam
 melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,
 passo a ser **o Severino**
que em vossa presença emigra

**Assista à Morte e Vida Severina - Abertura e
 fala inicial de Severino (José Dumont)**



Terceira Noite

(A Revolta do Público)

Nesta História sobre o modernismo brasileiro queremos representar, nesta terceira noite do festival, o impacto que a ruptura estética dos artistas modernos causou através da reação do público conservador quando da leitura dramática do poema “Os Sapos” de Manuel Bandeira pelo escritor e diplomata brasileiro Ronald de Carvalho.

O poema é uma sátira à monótona sonoridade da métrica regular do versos dos escritores parnasianos que, para ele, nesta irônica poesia soa como o coaxar dos sapos. Para esta cena, os estudantes devem começar a vaiar e a fazer sons de animais: sons de sapos, relinchos. À medida que a poesia é declamada a plateia vai ficando cada vez mais ruidosa, o que impede que o poema se desenvolva até o final. Indiferente ao público o personagem Ronald de Carvalho declama o poema e agradece ao público e sai como se estivesse um sucesso a sua leitura. Vamos à cena!

* * *

A apresentadora volta ao palco para anunciar a última noite da Semana de Arte Moderna.

* * *

Apresentadora – Boa noite. Sejam bem-vindos a última noite de nosso festival de arte moderna. Para declamar o poema Os Sapos de Manuel Bandeira chamo ao palco para o aplauso de vocês o escritor e diplomata Ronald de Carvalho.

(Ronald de Carvalho recita o poema sapos de Manuel Bandeira em meio ao crescente protesto produzidos pelo público que vaia e produz sons de animais: sapos, cavalos, gatos, cachorro...)

“Os Sapos” de Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:

- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatúário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa

A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

**Assista à Interpretação de Flávio
Guedes da Poesia Os Sapos (Manuel
Bandeira)**



**Assista à contextualização do poema
Os Sapos.**



Após a cena, as luzes se apagam. Quando acendem, estão no palco cinco artistas modernistas na sala da casa de Paulo Prado e Marie Lebrun de volta onde tudo começou.

CENA 5 - CELEBRAÇÃO DO GRUPO DOS CINCO

Alguns dias após a semana de arte moderna, os artistas modernistas Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Menotti Del Picchia e Tarsila do Amaral reuniram-se novamente na casa do casal de mecenas para conversar sobre suas impressões diante do evento que acabaram de realizar.

Tarsila do Amaral foi uma das principais pintoras do modernismo brasileiro. Entre suas obras mais representativas estão os quadros “Operários” e “Abaporu”. Este último se tornou um símbolo do movimento antropofágico proposto por Oswald de Andrade. A artista estava em Paris estudando pintura e não participou da Semana de Arte Moderna. Quando chegou ao Brasil em junho de 1922, Anita, que já era sua amiga, a apresentou aos outros três: Oswald, Mario e Menotti. Até o final do ano de 1922 estes artistas tornaram-se inseparáveis formando um coletivo autodenominado de “Grupo dos Cinco”. Juntos participaram de festas, passeios e exposições. Anita relembra tempos depois em 1950 as aventuras do grupo modernista: “parecíamos uns doidos em disparada por toda parte na Cadillac de Oswald, numa alegria delirante, à conquista do mundo para renová-lo”. Vamos à cena.



Figura 19: Retrato de Tarsila do Amaral
Fonte: Portal Urânia. Disponível em:
<https://portalurania.com.br/tarsila-do-amaral/> Acesso em: 28/06/2026

* * *

Oswald – Caros amigos. A Semana de Arte Moderna foi um sucesso! Só se fala sobre isso nos jornais. Nós conseguimos!

Anita – Não vejo assim. Estão falando muito mal de nós que eu sei. Os que falam de bem são vocês mesmos e seus amigos que também escrevem para os principais jornais.

Mario – Não quero ver você assim. Anime-se Anita! Agora vamos ficar famosos. Seus quadros vão ser conhecidos em todo lugar.

Menotti - Pois eu estou achando que deu certíssimo! Até as vaías e as críticas de jornal. Falem mal, mas falem de nós. Uma arte que não chocar essa burguesiazinha ignorante e conservadora não pode ser chamada de moderna. Oswald conte aqui só para nós. Foi você que pagou aqueles estudantes para animar aquelas vaías, não foi?

Oswald – (em tom de ironia). Ah! mas que calúnia! Assim você machuca esse pobre coraçãozinho modernista.

(Todos riem)

Anita – E você Tarsila o que pensa de toda essa loucura?

Tarsila – Fiquei triste por não poder participar da semana, mas acompanhei o que pude de Paris. Mas agora estou muito feliz por vocês. Vocês estão fazendo acontecer o modernismo aqui no Brasil e eu quero fazer parte disso. A partir de agora ficaremos conhecidos como o grupo dos cinco!

Mario – Que tal fazermos uma fotografia para marcar esse momento?

Oswald – Excelente ideia Mario! Vou chamar nossos anfitriões.

* * *

Oswald anda até os bastidores e logo retorna ao palco acompanhado do casal de anfitriões Lebrun e Paulo. Em seguida, os artistas fazem uma pose para a fotografia acomodados aos móveis.

Figura 20: Cena do espetáculo



Fonte: Acervo do autor.

Após alguns segundos, as luzes apagam e uma fotografia antiga semelhante com alguns destes artistas é projetada por alguns segundos encerrando a cena.

Figura 20: Fotografia original



Fonte: OperaMundi Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/pensar-a-historia/a-vanguarda-entre-vaia-e-aplausos-103-anos-da-semana-de-arte-moderna/> Acesso em: 28/06/2026

CENA 6 - FECHAMENTO DA AULA

Com os aplausos da plateia, as luzes voltam em todo o auditório e o professor retorna para finalizar a aula.

Professor - Então queridas e queridos estudantes. Gostaram da viagem? Histórias como essa nos ajudam a entender melhor o nosso país, o mundo e a nós mesmos. Espero que a partir de agora vocês entendam melhor a arte moderna e sua busca pela liberdade criativa. Alguma pergunta ou comentário?

Estudante 1 - A arte moderna aponta o caminho para a gente se aceitar como pessoa única, livre e poder se expressar do jeito que a gente é.

Estudante 2 - Ter duas pintoras modernas famosas mostra a força destas artistas na luta pela igualdade entre homens e mulheres.

Estudante 3 - Existe uma onda conservadora na nossa sociedade que continua querendo limitar a liberdade das pessoas de serem quem elas quiserem.

Estudante 4 – Como a arte moderna influenciou na arte de hoje?

Professor - Belas palavras. Próxima aula, vamos falar de arte contemporânea e vamos responder a essa pergunta. Vejo que vocês estão percebendo que olhar o passado no espelho da arte nos ajuda pensar melhor nosso presente. Todas as ações dos nossos antepassados ajudaram a construir a estrada da história. Agora somos nós os protagonistas do presente. O que iremos fazer com o que temos e o com que aprendemos?

* * *

De repente aparece o funcionário da escola liberando os estudantes para o intervalo.

Funcionário da escola – Professor, pode liberar a turma?

Professor – Agradeço a atenção, turma. Estão liberados.

FIM

FICHA TÉCNICA

Direção Geral – Glauber Nocrato

Direção Artística: Fernão de la Roche e Glauber Nocrato

Direção da Equipe técnica - Iara Silvestre e Ismael de Souza

Roteiro, Figurino e Cenografia: Fernão de la Roche, Glauber Nocrato, Iara Silvestre e Ismael Souza em colaboração com os estudantes da turma de primeiro ano do curso técnico de Guia de Turismo.

Atores e atrizes: Antonio Adrian, Antonio Nardiel, Ariane Dos Santos, Arielly Simplício, Caio Ycaro, Emanuelle da Silva, Eveline de Sousa, Francisca Amanda, Francisco Renan, Francisco Vinicius, João Pedro, Jose Douglas, Jose Gilson, Lara Caroline, Livia Maria, Maria Danielly, Maria Yasmeeen de Moraes, Nathiel Martins, Nicole Kessya, Pedro Alex, Pedro Mozart, Raquel Nunes, Rebeca Alexandre, Rodrigo Santos, Ryan Silva.

Coreografia: Emanuelle da Silva, Eveline De Sousa, Nathiel Martins e Ryan Silva.

Assistente de Palco - Ana Clara, Ana Karolina, Antônia Isabele, Maria Julia, e Penelopy Teixeira.

Recepção: Ana Clara e Tábita Rebeca

Registro audiovisual: Arielly Simplício Eloisa Nara, Francisco Flavio, e João Miguel, Maria Julia.

Sonoplastia: Arielly Alves e Francisco Flavio.

Iluminação: Bárbara Ellen, Isadora Lira, Kelvia Emilly, Maria Edivânia.

Maquiagem: Leticia Freitas, Gabriely Bezerra

Design Gráfico: Glauber Nocrato e Rildo Reis.

Repertório Musical: Abner Ryan, André Freitas, Arielly Simplício, Átila, Darlyson Moreira, Eveline de Sousa, Glauber Nocrato, Michael Moreira, Nathiel Martins, Nicole Kessya, Ryan Silva

SOBRE O AUTOR

José Glauber Nocrato Costa



Foto: Fábio Arruda

Glauber Nocrato é artista, arte-educador e pesquisador radicado em Guaramiranga, Ceará. Licenciado em Música e especialista em Metodologias do Ensino de Artes pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), é mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Foi um dos fundadores da Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (AGUA), instituição na qual atuou por muitos anos como artista e arte-educador. Nesse período, destacou-se pela regência do Coral Infantil “Caixinha de Vozes” e pela participação em projetos como “Cidade da Arte”, “Escola de Música de Guaramiranga” e Orquestra “Acordes Terra do Sol”, desenvolvida em parceria entre a AGUA e o Instituto Pão de Açúcar (IPA). Ao longo de sua trajetória, participou de importantes eventos culturais, entre eles o Festival Jazz & Blues de Guaramiranga, o Festival Nordeste de Teatro de Guaramiranga (FNT) e o Festival de Cinema de Maringá.

Como produtor musical e compositor, gravou, em parceria com seus estudantes, os álbuns “Música do Mundo”, “Violonistas Cearenses” e “Rio das Cordas”. Em colaboração com o Festival Jazz & Blues de Guaramiranga, dirigiu musicalmente jovens músicos da região do Maciço de Baturité na gravação do álbum “A Outra Banda da Serra”. É autor dos álbuns “Guaramiranga Floresta Encantada” e Portas Abertas, além das trilhas sonoras da websérie Lapso Ceará, com imagens de Fábio Arruda, e dos curtas-metragens A Casa das Horas e Fractais Cearenses, de Heraldo Cavalcanti. Pela trilha sonora de Fractais Cearenses, recebeu o prêmio de Melhor Trilha Sonora no Festival de Cinema de Maringá.

Atualmente, é professor efetivo de Artes da rede pública estadual de ensino do Ceará, vinculado à Secretaria da Educação (SEDUC), atuando na EEEP Maria Giselda Coelho Teixeira. Em sua prática docente, desenvolve projetos colaborativos que têm a Arte e suas diferentes linguagens como eixo para a construção de aprendizagens críticas, criativas, cooperativas e solidárias.

Em reconhecimento à sua contribuição para a cultura e a educação no município, recebeu o título de **Cidadão Guaramiranguense**, honraria que reafirma sua estreita relação com a vida artística, cultural e educacional da cidade onde construiu grande parte de sua trajetória.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario de; BRAGA, Rubem; AYALA, Waldir. **1922 e Depois: Tarsila, Anita, Di Cavalcanti e Outros Personagens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- ARANHA, Graça. A emoção estética na arte moderna. **Obra completa**, 1968.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Imagem no ensino da arte**: anos 80 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos e PORTELLA, Adriana. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez.
- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. 2009. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2025.
- BOAL, Augusto. **Categorias de Teatro Popular**. São Paulo: Teatro de Arena de São Paulo, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. S Paulo: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17°. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, p. 748-759, 2012.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. p.41–62, 2010. DOI: [10.48075/ri.v10i1.4143](https://doi.org/10.48075/ri.v10i1.4143). Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>. Acesso em: 28 jun. 2026.
- IBIAPINA, I. M. L. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008. v. 1.
- JACKSON, K. David. Bibliografia Oswald de Andrade. **Revista de Letras**, p. 53-81, 1990.
- JOHNSON, David W., JOHNSON, Roger T. **El aprendizaje cooperativo en el aula**. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- JUNIOR, José Simões de Almeida. Jogo teatral, teatro de figuras alegóricas e os processos de espacialização da cena. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 1–12, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/236?>. Acesso em: 28 jun. 2026.
- LEÃO, Dóris Sandra Silva. **Avaliação da aprendizagem cooperativa como estratégia teórico-metodológica para melhorar o ensino aprendizagem: estudo de**

caso em uma escola estadual de educação profissional do Ceará / Dóris Sandra Silva Leão – 2019.

MACHADO, L. R. de S. O trabalho como referência para a formação e a democracia. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 23, p. e15167, 2023.

MAGALDI, Sábado. **Teatro da ruptura**: Oswald de Andrade. São Paulo: Global Editora, 2004.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política, Livro I**. São Paulo: Boitempo, 1983.

REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão**. São Paulo: Scipione, 2009.

TUFANO, Douglas. **A Semana de Arte Moderna: São Paulo, 1922**. São Paulo: Editora Moderna, 2021.